

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de S. Paulo Class.: 119

Data 19/04/85 Pg.:

Uma aula de cultura indígena para crianças

Reportagem Local

"Você é um índio de verdade? Você luta forte? Mais forte do que um soldado?" As perguntas foram surgindo naturalmente, assim que Alvaro Fernandes Sampaio, 31, o "Doe-thiro", da nação Tucano do Alto Rio Negro, botou os pés na unidade da rua Bartira do Colégio Pentágono. Afinal, a criançada jamais tinha visto um índio, a não ser pela televisão, em filme de faroeste americano. O primeiro contato foi um pouco decepcionante. Elas esperavam encontrar alguém seminu, cheio de plumas e colares. Mas Alvaro estava vestido de calça jeans, tênis e camiseta. E as crianças passaram a compreender que a diferença não está apenas na roupa, mas no modo de vida e na cultura.

O encontro de Alvaro com setenta crianças de dois a seis anos foi promovido pela própria diretora da escola, a pedagoga Vera Lúcia Barbosa Martins. Na Semana do Índio, ela queria mostrar à garotada como é a vida de um povo que habita em ocas, no meio da mata.

Cocar o bico de pena

Quando Alvaro chegou na escola, às 10h, as "tias" estavam terminando de preparar o pátio para o encontro. Foram espalhadas no chão penas coloridas de pavão, argila, bandejas com frutas e mandioca cozida, e muitas folhas de bananeira. Sem muita conversa, o índio logo se dirigiu a um canto do pátio e começou a fazer um cocar. As crianças sentaram à sua volta e seguiram o seu exemplo. Em apenas dez minutos, somente com as penas e um barbante, o Tucano fez um belo cocar colorido. Depois disso, ainda em silêncio, começou a pintar o rosto das crianças, com um bico de pena.

Cada pintura tem um significado, disse. No rosto de André Gross, 5, o índio pintou um peixe estilizado. Roberta Cerqueira César, também de



André, 5, com um peixe estilizado no rosto, trabalha a argila, depois da demonstração do índio tucano Alvaro

5, teve um banco de madeira desenhado em suas faces. Sabina Spósito, 4, foi pintada como uma noiva, para mostrar que, "quando querem ser atraentes, as índias se pintam da mesma forma que as mulheres brancas". E assim Alvaro continuou a mostrar os símbolos de seu povo.

Terminadas as pinturas, começou a fase da argila. O índio mostrou e a criançada aprendeu como fazer potinhos e outros objetos de uso doméstico. A última fase do encontro foi a construção de uma oca, que permanecerá no pátio da escola "para as crianças sempre lembrarem dos índios", conforme disse a diretora.

Com alguns caibros, barbante e folhas de bananeira, Alvaro construiu rapidamente uma cabaninha segura e confortável, com a ajuda do porteiro da escola.

Mas não foram apenas os alunos do Pentágono que gostaram do encontro. Alvaro, coordenador nacional da União das Nações Indígenas (UNI), também achou a experiência maravilhosa. "Foi bem mais proveitoso do que falar dos nossos problemas a uma plateia de adultos. Criança tem memória fresca e sempre vai lembrar disso tudo que fizemos juntos".

Alvaro gostaria de fazer uma

"Semana do Branco" em sua tribo para mostrar como sofremos nas fábricas, nos escritórios, enfim, como a vida na cidade é dura. "Na nossa aldeia, o velho é considerado um sacerdote. Aqui, ele é abandonado na calçada. Também tratamos muito bem os doentes, enquanto os brancos pensam que a medicina é a salvação de tudo". Estas palavras do índio, as crianças não puderam compreender. Mas perceberam, como disse André, 5, "que índio gosta de bicho e de planta. Índio é muito legal".

Leia outras reportagens sobre o Dia do Índio na pág. 21.